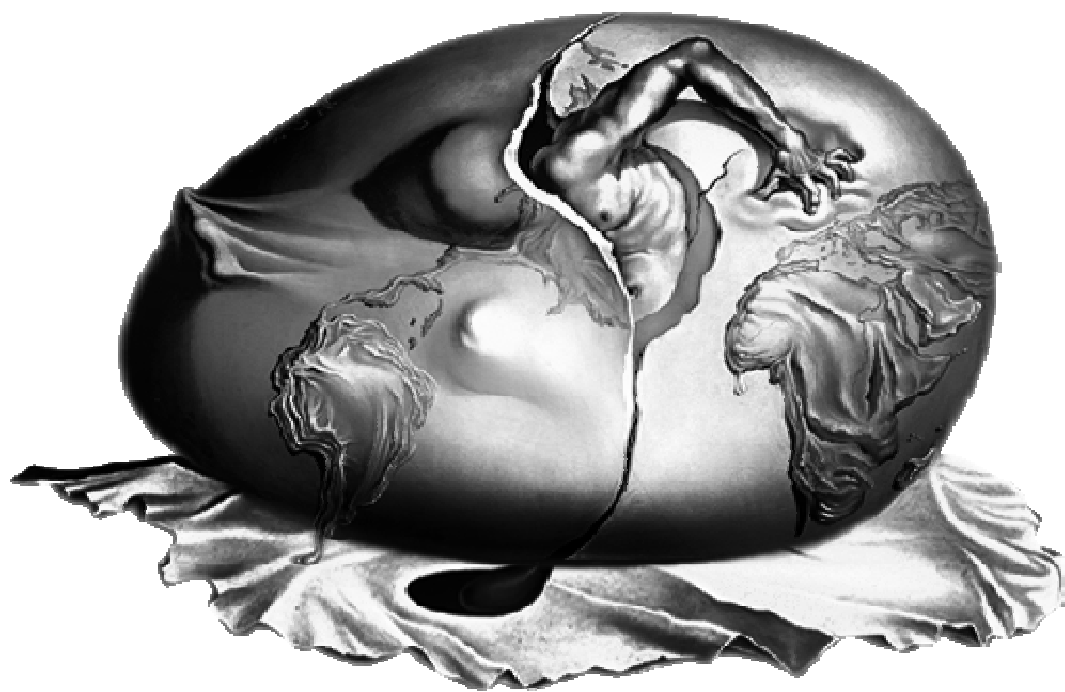


BOLETIM *PRESENÇA*

ANO III, nº 07, 1996



UNIR

REFLEXÕES METODOLÓGICAS SOBRE O PROGRAMA DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

Nilson Santos *

Resumo

O preparo das aulas com o Programa requer muita atenção, pois, demanda leitura cuidadosa da história dos livros textos, fundamentalmente no capítulo que as crianças irão se envolver, na tentativa de serem identificadas antecipadamente o maior número possível de idéias ou conceitos que possam estar contemplados no texto, e que serão objeto de investigação por parte dos alunos.

Palavras-Chave: Fundamentos, Investigação e Alunos.

Abstract

The preparation of the classes with the Program requests a lot of attention, because, it demands careful reading of the history of the books texts, fundamentally in the chapter that the children will wrap up, in the attempt of they be in advance identified the largest possible number of ideas or concepts that they can be contemplated in the text, and that will be investigation object on the part of the students.

Key-Words: Foundations, Investigation and Students.

O manual do Programa de Filosofia para Crianças foi organizado tendo em vista que, a quase totalidade dos professores que trabalham com o Programa em sala de aula não tiveram sólida formação em Filosofia; desta forma ele surge como importante ferramenta de reflexão e trabalho para o professor.

O preparo das aulas com o Programa requer muita atenção, pois, demanda leitura cuidadosa da história dos livros textos, fundamentalmente no capítulo que as crianças irão se envolver, na tentativa de serem identificadas antecipadamente o maior número possível de idéias ou conceitos que possam estar contemplados no texto, e que serão objeto de investigação por parte dos alunos.

Somente então é que deve o professor se debruçar sobre o manual, na tarefa de identificar as atividades correspondentes ao mesmo capítulo, ou em outro, onde estão propostos exemplos de exercícios que procuram garantir que a discussão em torno das idéias levantadas pelos alunos deixe o senso comum e parta para a discussão eminentemente filosófica.

Após realizar esta cuidadosa leitura do manual, o professor deve ficar atento às possíveis formas de intervenção na discussão que poderá surgir do grupo, garantindo dois elementos fundamentais.

O primeiro se orienta pela capacidade de manter-se atento ao assunto que foi destacado pelos alunos, possibilitando compreender o que se discute e o que se quer desvendar, mas esta compreensão não se limita a tarefa descritiva, ou a especulação despreocupada, aparentemente livre de qualquer compromisso ou interesse, como se pudéssemos partir do pressuposto que pela pura discussão do problema, ele se revelaria a nós. A discussão filosófica deve ser criteriosa para provocar mergulho profundo, que provou que a atenção de todos para as raízes fundantes do objeto, ou seja para suas características determinantes. Desta forma ultrapassamos os véus que impedem a proximidade cada vez mais íntima, quer-se atingir portanto os seus fundamentos.

O movimento da consciência desta natureza, que mergulha a reflexão na profundidade, acaba por revelar outro aspecto importante. Quando temos experiência radical, quando ultrapassamos efetivamente o universo contingencial, não conseguimos ser mais os mesmos. A busca de respostas, o debate, quando nos revelam faces profundas de significações, não permitem que continuemos a nos relacionar com as coisas da mesma maneira. Mudam as coisas e mudamos nós,

morre a relação ingênua e descompromissada da parte do sujeito, ou dos sujeitos, e desmorona a forma primitiva das coisas, revelando a criação de algo novo com multiplicidade cada vez maior e mais intensa de significados.

O segundo elemento importante durante o preparo da aula envolve a preocupação que o professor deve ter na efetiva possibilidade do debate tornar-se globalizante e abrangente, em busca da totalidade, ou seja, em busca de sua compreensão como um todo. Revela-se assim, a articulação com algo maior e mais complexo, que não circunscreve a reflexão simplesmente em torno do objeto de preocupação, já que ele não pode ser encarado de maneira parcial ou fragmentada. É exatamente neste aspecto que a Filosofia precisa distinguir-se da forma com que a Ciência investiga, já que ela pressupõe em seu método, o isolamento e a análise compartimentalizada das suas manifestações, como se fosse possível abrir o corpo, para compreender o seu funcionamento harmônico, e isolar cada órgão do organismo vivo para compreendê-lo na totalidade.

Estas são, portanto, preocupações que antecedem o debate e a aula em si com o Programa. Em aula o manual tem outro caráter. Ele se presta a nortear a forma de intervenção do professor na Comunidade de Investigação. As propostas de exercícios, antes de funcionarem como “livro de receitas” apontam para uma das formas mais adequadas de intervenção do professor no grupo. As perguntas, os exercícios ou as atividades encontradas querem antes de mais nada garantir que a discussão continue viva, e que não se perca de vista a necessidade de se buscar a compreensão de tudo em profundidade e ao mesmo tempo na sua totalidade.

Ao chamar a atenção para o papel do professor pretende-se dizer que suas intervenções são fundamentais para a qualidade do trabalho dos alunos, é dele a responsabilidade maior pela discussão clara, organizada, democrática e criteriosa.

Pretende-se, portanto, expurgar o fantasma do espontaneísmo do grupo, onde cada um fala o que bem entende, não se preocupando com os possíveis desdobramentos, nem com as considerações dos outros; pensar assim, acaba por desembocar na inutilidade do diálogo, pois concluir qualquer coisa da maneira mais conveniente a cada um, passa a ser regra.

A atuação do professor na Comunidade de Investigação, pretensamente ausente que considere ter, é, pelo contrário, fundamental como vigilante constante

no trabalho com Filosofia para Crianças, pois é dele a responsabilidade pedagógica não sobre o que é dito, mas fundamentalmente sobre como é dito, sobre como é refletido, e como é compreendido o conhecimento em sala de aula.

A atenção do professor deve estar redobrada, pois compete a ele estar atento ao comportamento do grupo no que tange as atitudes mais adequadas à Comunidade de Investigação, pois é de sua responsabilidade a garantia de qualidade e rigor metodológico do debate. É de suma importância que o professor esteja atento às construções mentais dos alunos, a forma de organização dos seus argumentos. Se existe algo que não seja permitida em Filosofia, é justamente a afirmação não fundamentada, não justificável e não compreensível. Ao se deparar com situação avessa, o professor tem, não o direito, mas obrigação pedagógica de garantir que o grupo investigue melhor, ou ele mesmo deve provocar e evidenciar o impasse.

Esta intervenção contudo, se orientada dentro dos critérios propostos no manual, não se manifesta de maneira coercitiva, como se coibir o erro fosse a saída para que ele não mais surgisse, mas deve acontecer dentro da forma investigativa na qual o grupo está inserido. O professor não intervém para afirmar a verdade, por mais que ela esteja evidente. Se isto acontece, temos uma certeza: a evidência existe para o professor, não para os alunos, e é para este último ator, que se dirige o processo educacional. Portanto quem deve ingressar no itinerário da investigação filosófica é o aluno.

Erroneamente o sistema educacional tem depositado no professor a palavra final sobre qualquer assunto e isto é repetidamente introjetado no comportamento do aluno, gerando “preguiça” mental. Assim, se os alunos desconhecem um dado assunto, estes não se dispõem a investigá-lo e a pensar sobre ele, mas simplesmente consultam o professor, que também de maneira errônea, simplesmente responde, sem necessariamente envolvê-los em processo de busca e de descoberta, ou seja, de genuína aprendizagem.

Para que isto aconteça é salutar que o professor reflita com o grupo e reconheça em seu trabalho o valor e a importância que tem, despojando-se da necessidade de auto-afirmação perante o grupo, não reservando para si as conclusões finalizantes sobre qualquer assunto, não reproduzindo o estereótipo

daquele que concede a palavra, permitindo tímidas e esporádicas investidas, mas evidenciando o papel reservado a si: ser aquele que sabe, aquele que é.

Desta forma a intervenção do professor deve se dar de maneira tal que provoque no grupo novo impasse, que traga de forma interrogativa novos problemas, que evidenciem o erro, não pela sua discordância pessoal, mas pela sua possível insustentabilidade. Não conclui, nem revela o veredicto sobre o assunto, mas antes, conduz os alunos a refletirem novamente, com elementos novos, ou informações que até então não haviam sido reconhecidas. Devolve ao grupo a possibilidade de, ao se deparar com o erro, investigar novamente e reformular.

O novo problema ou as novas perguntas trazidas pelo professor para dentro do grupo surgem como fomento à criação, à investigação e a busca do grupo, revelando a necessidade ou apontando para outro caminho, que talvez ainda não se tenha trilhado.

O professor participa não para encerrar a investigação, mas para colocá-la em outro nível de profundidade, alimentando a necessidade de busca cada vez mais criteriosa e rigorosa do grupo.

Ao pensar exercícios, atividades ou até mesmo jogos, deve ter claro que existe certa fixação por parte da Pedagogia por jogos e materiais didáticos como se os materiais ou o conteúdo dos jogos, por sua própria natureza, garantissem inexoravelmente que seus conteúdos fossem entrar na mente da criança, sem entender que este aluno é uma pessoa por inteiro, que tem vasto universo de relações, e que esta situação é mediatizada. Pensar assim é o mesmo que encarar o aluno como massa aperceptiva. Não se trata da negação do instrumento ou da atividade, mas há que se encarar que, a sua percepção não é individual e imediata, mas social e mediatizada, ou seja, a consciência não se dá a partir da experiência do indivíduo, pois não significa pensar a experiência do sujeito isolado com objetos do mundo isolados, mas compreender que a relação do sujeito com o objeto é sempre relação de sujeitos que têm uma mediação do objeto, portanto, sempre social.

Este sim, deve ser o comportamento mais desejado do professor e valorizado na Educação, para que os alunos também o sejam. Não há que se valorizar a Ciência pela Ciência, mas o seu rigor descritivo e o espírito

investigativo, não há que se valorizar o saber pelo saber, mas a atitude de busca e de perplexidade do homem diante do mundo e de si mesmo.

A Educação é antes de mais nada caos, ao me limitar a descrição padronizada do mundo, não crio, nem realizo a natureza do próprio homem, simplesmente repito modelos, a inteligência se revela na exata forma da memorização e repetição das verdades acabadas de um mundo também acabado. O aprendizado implica no reordenamento, na criação de cada um e no embate pela explicitação e aceitação pelos demais do seu mundo.

Se o professor encarar o manual como receituário de perguntas, estaremos não só inviabilizando o Programa, mas todo caráter investigativo da Filosofia, e destruindo qualquer possibilidade de realização da Educação e da Filosofia. Alguém que compreenda profundamente as pretensões da Filosofia e as necessidades do homem, sabe que o educador não é oleiro, mas garimpeiro, nem o aluno tabula rasa como queria Sócrates.

O oleiro muito embora tenha a empatia com a matéria bruta que irá transformar, se relaciona com ela como se esta fosse inanimada, desprovida de humanidade. O valor é atribuído ao momento posterior, quando molda o barro, quando plasma nele sua vontade, sua inspiração e seus valores. O vaso deixa de ser barro, porém não é vaso, se não pelo reconhecimento do seu criador.

O professor não é senão o garimpeiro, que movimenta uma porção do fundo do rio em sua batéia, lavando-o, eliminando com movimentos circulares, contínuos e atentos, pouco a pouco, as impurezas; revelando os fragmentos brilhantes. Ele não cria o ouro, mas faz com que ele se revele, com que seu brilho se manifeste, para então adicionar a porção de mercúrio, provocando o surgimento da nova situação, gerando uma amálgama densa. Após a derradeira lavagem, agora de posse do fogo, na ponta do maçarico dirigido para o fundo da batéia, faz o mercúrio evaporar, de novo de maneira atenta, submetendo seus movimentos à reação da mistura, possibilitando ao ouro puro revelar seu brilho mais intenso. Este brilho surge, portanto, não pelas mãos do garimpeiro, pois não é dele, não existe por causa dele, mas foi resgatado pela sua ação, pela sua persistência e crença no fundo lamaçal do rio, onde algo de rico que poderia vir à tona ou à consciência.

Mas o manual tem outra tarefa a cumprir.

O fato de nos comprometermos com um Programa de Filosofia, não nos garante de antemão, de maneira inexorável, a concretização do envolvimento genuinamente filosófico. O fato de debatermos os problemas, não os tornam filosóficos, o que faz com que um problema seja filosófico é a atitude subjetiva que assumimos diante da necessidade objetiva.

Algo se torna problema filosófico, não pelo seu conteúdo específico, mas pela atitude que o homem tenha diante dele, pelo envolvimento eminentemente reflexivo que mantenha.

O que nos leva, como professores, a postular a necessidade de garantirmos são somente aos nossos alunos este espírito de busca e de inquietação da Filosofia, mas alimentarmos em nós esta maneira de encarar o mundo.

E esta deve ser a preocupação do professor após a aula com o Programa de Filosofia para Crianças, e isto só é possível se este se dispuser a refletir sobre o acontecido. Por um lado parece difícil, senão pouco provável, realizar o trabalho de análise retrospectiva, quando na maioria dos casos o professor encontra-se só. Assim, novamente apelamos ao manual.

Após a aula, onde fora abordada determinada idéia, é possível nos reportarmos ao manual e verificarmos dentro daquilo que está proposto, o que teria sido discutido ou não pelos alunos, com isto tenho bom parâmetro para identificar se a Comunidade de Investigação envolveu-se efetivamente na discussão filosófica, se tiveram ou não atitude filosófica.

Mas é possível ainda, avançarmos um pouco mais e refletirmos se a intervenção do próprio professor se deu no sentido de garantir profundidade e rigor. Ao verificarmos quais as questões propostas pelo manual ficaram sem ser respondidas ou debatidas pelos alunos, ou seja, quais foram os aspectos que passaram descuidadamente pelo professor, que este deveria, por dever pedagógico, ter possibilitado ao grupo, temos a clara resposta da qualidade do seu trabalho. O descuido da parte do professor, deve fazê-lo refletir sobre a sua formação e sobre as expectativas que o Programa deposita nele, como agente mais importante do processo educacional.

É possível afirmar com toda segurança que o manual do Programa de Filosofia para Crianças ainda reserva uma série de gratas surpresas, que estão por

ser descobertas. E elas somente se farão visíveis se tivermos também diante dele a atitude genuinamente filosófica.

*** Prof. Ms. do Depto. de Educação - UFRO**
Coordenador do Centro do Imaginário Social